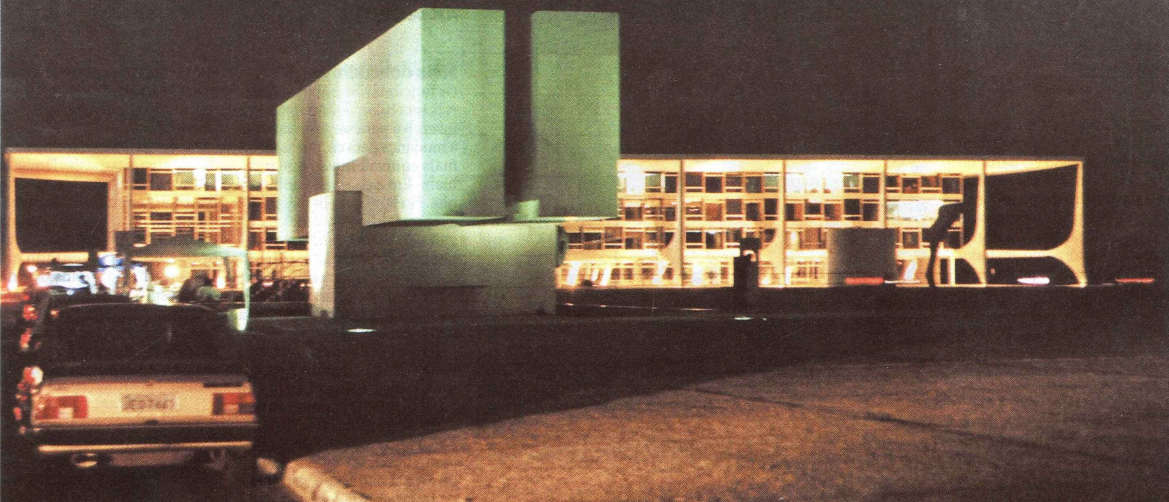


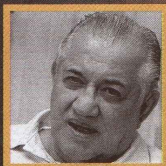
PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

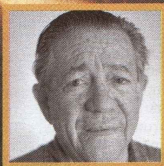


Os motivos que trouxeram brasileiros de diversos locais do país para a construção da nova capital foram muitos — salário dobrado, dificuldades financeiras em seus lugares de origem, espírito aventureiro. Mas nada disso importa diante do que viveram e passaram nos anos de construção e consolidação da cidade, lembrados semanalmente na série *Pioneiros* — *Histórias de quem fez Brasília*.

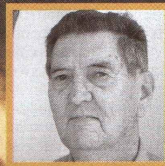
Dálio Ribeiro
de Mendonça



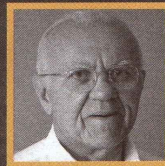
Iwar Fonseca
Mattos



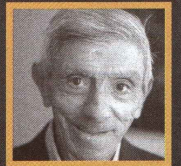
José Córdoba
Solano



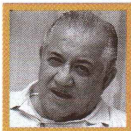
José Maciel
Filho



Manuel
Pereira Lima



PIONEIROS



Dálio Ribeiro de Mendonça

Espaço para desenvolver a religiosidade

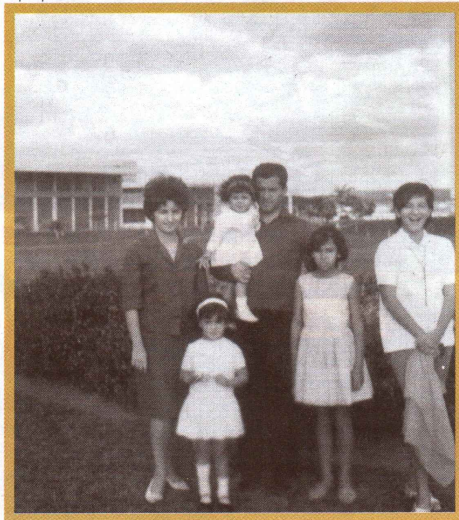
BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

A vida no Rio de Janeiro em março de 1960 era difícil. O trânsito congestionado e o baixo salário tornavam as idas e vindas de Dálio Ribeiro de Mendonça à agência central do Banco do Brasil desgastantes. Nos corredores do banco, como em todas as rodas de bate-papo da cidade, falava-se muito da inauguração de Brasília, que se aproximava. A maioria criticava a transferência da capital para o Centro-Oeste e não apostava na concretização do projeto de Juscelino Kubitschek.

Num dia de trabalho como outro qualquer, Dálio deparou-se com uma lista em que a gerência do banco registrava os nomes dos voluntários para integrar o quadro de funcionários da agência sede no novo Distrito Federal. Sem imaginar como seria o cotidiano em uma cidade que acabara de nascer, candidatou-se a uma das vagas.

Pouco tempo depois, o funcionário era chamado ao gabinete do gerente geral da agência carioca, um homem rude e temido por todos os funcionários. "Me assustei com a convocação, nem pensava que aquilo teria algo a ver com Brasília", conta. No gabinete do chefe, surpresa ainda maior. Dálio havia sido o único a se oferecer como voluntário para a equipe de funcionários do banco na nova capital.

Arquivo pessoal



Impressionado com o fato, o gerente ofereceu-lhe a oportunidade de conhecer a cidade no mesmo dia. "Um membro da tesouraria viria para cá em um avião às 14h para trazer numerário para a agência da Cidade Livre e eu viria com ele", conta. "Quando vi a cidade de cima, me espantei, era só mata", afirma.

Em solo firme, os dois se dirigiram à Cidade Livre para a conclusão do serviço. "Parecia um faroeste americano, tudo de madeira, homens de bota e chapéu nas ruas e muita poeira", descreve. No Plano Piloto, a imagem não era menos assustado-

ra. A cidade estava toda por construir, apenas algumas quadras com edifícios concluídos e muitas obras em andamento. No Setor Bancário Sul, onde seria seu futuro local de trabalho, o edifício sede do banco ainda estava no chão, com poucos andares construídos.

Mas a decisão estava tomada. "Quando ele me perguntou se eu queria vir para cá, comeceti chorar", recorda-se a esposa, Maria Nely Lima Mendonça. As oportunidades de ganho financeiro na nova capital, entretanto, seriam melhores e Dálio teria maiores chances de crescimento profissional.

DÁLIO COM A
FAMÍLIA EM FRENTE
AO PALÁCIO DA
ALVORADA, EM 1962

Meia dobradinha

Os funcionários públicos federais recebiam, como forma de incentivo para se candidatarem à mudança para cá, um salário a mais equivalente ao que recebiam. Era a chamada dobradinha. No Banco do Brasil, frente à mesma dificuldade de conseguir voluntários para a transferência, os funcionários que aceitassem vir para Brasília passariam a ganhar a metade a mais do salário que recebiam, era a meia dobradinha.

Assim, Dálio desembarcou de mudança definitiva para o novo Distrito Federal, em 17 de abril de 1960, já com um aumento significativo de salário. Faltavam quatro dias para a inauguração da capital. A cidade estava repleta de visitantes, de todos os estados, curiosos e com vontade de participar do cumprimento da promessa de JK. As casas que já existiam na cidade ofereciam vagas para hospedar os forasteiros.

Nos quatro dias antes da inauguração, o trabalho do pioneiro ainda não havia começado. Para passar o tempo, jogava futebol, passeava pela avenida W3 Sul e ia às sessões de cinema das lâminas do Banco do Brasil, que ficavam na 303 Sul, onde seria sua nova residência até a vinda da família. As lâminas consistiam em 14 casas de madeira com quarto e sala. Cada casa abrigava dois funcionários. Além dos cômodos, as lâminas

contavam com cantina para as refeições, sala de jogos e cinema, onde todo dia havia projeção de filmes.

No dia da inauguração, reunidos na área externa das lâminas, Dálio e outros funcionários do banco puderam avistar a queima de fogos da Esplanada dos Ministérios. Emocionado, lembra-se de ter comentado em tom nostálgico como gostaria que a esposa e os filhos vissem aquele espetáculo. "Enquanto chorava de emoção, meus companheiros zombavam da minha reação, sempre em clima de camaradagem", revela.

Adaptação

O primeiro ano em Brasília foi um período de adaptação à nova realidade. O edifício sede do Banco do Brasil foi construído rapidamente, mas no dia de sua inauguração, no mesmo dia da inauguração de Brasília, contava apenas com cinco andares concluídos. Os funcionários iam se acomodando nos espaços que já estavam terminados.

Dálio, por exemplo, trabalhava como escriturário contador na sobreloja do prédio, onde também funcionava o refeitório em que os funcionários almoçavam e jantavam. "Tomávamos café na cantina das lâminas e as outras refeições fazíamos no próprio banco, porque a carga de trabalho era grande, não tínhamos hora para sair", diz.

PIONEIROS

O funcionário do Banco do Brasil foi o único voluntário do Rio de Janeiro a vir trabalhar na nova capital. Aqui, foi um dos fundadores da Comunhão Espírita de Brasília

Os serviços executados pelos bancários, frente ao clima de improvisação que reinou nos primeiros anos da nova capital, muitas vezes ultrapassavam às funções para as quais estavam destinados. "Lembro-me de carregar caixas de materiais para equipar alguns departamentos do edifício sede", conta. Em compensação, toda hora extra trabalhada era bem remunerada.

Outros privilégios concedidos aos primeiros funcionários do banco em Brasília eram visitar suas famílias no local de origem a cada 15 dias e a oportunidade de escolher os imóveis onde morariam, assim que ficassem prontos, em 1961.

Dálio diz que foi o primeiro a escolher o apartamento do Banco do Brasil na cidade. Optou por um imóvel de 250 metros quadrados, com quatro quartos, na 114 Sul. No início, pagava uma taxa mensal de ocupação e, mais tarde, pôde comprar o apartamento.

Com a nova residência, a família pôde acompanhá-lo. "Das primeiras impressões da cidade, me lembro de ficar impressionada com as valas abertas no eixo norte, que ainda estava em construção", recorda-se Nely.

Dálio não pensava em voltar para o Rio de Janeiro, sentia-se cada vez mais realizado no Planalto Central. Da Cidade Maravilhosa, só sentia falta da idas ao Maracanã, onde por muitos anos teve uma cadeira cativa, presente de um tio deputado ao fê-incondicional do Fluminense.

Comunhão Espírita

O encontro do pioneiro com o espiritismo de Alan Kardec aconteceu em Aracaju, sua cidade natal, em 1947. Naquele ano,



“**TOMÁVAMOS CAFÉ NA CANTINA DAS LÂMINAS E AS OUTRAS REFEIÇÕES FAZÍAMOS NO PRÓPRIO BANCO, PORQUE A CARGA DE TRABALHO ERA GRANDE, NÃO TÍNHAMOS HORA PARA SAIR**”

dois espíritas baianos, Abel Mendonça e Divaldo Pereira Franco, estiveram na capital sergipana a fim de fundar uma sociedade seguidora da doutrina espírita. Dálio foi um dos integrantes deste grupo de jovens.

Em Brasília, o funcionário do Banco do Brasil descobriu, em 1961, onde poderia exercer sua religião, passando a frequentar o Centro Espírita Sebastião, O Mártir, na Cidade Livre. Em pouco tempo, entretanto, Dálio teve a ideia de convidar alguns amigos que comungavam da mesma fé para reunirem-se no Plano Piloto e formarem uma instituição voltada para o desenvolvimento dos estudos doutrinários e a realização de atividades benéficas.

Junto com Benoni Baptista Braga, Jayme Miranda, Roberto Beck e Francisco Leitão, passou então a reunir-se na 712 Sul, na casa de Braga. Já na primeira reunião, em 8 de janeiro de 1961, o grupo decidiu formar a Comunhão Espírita de Brasília. Dálio foi o responsável pela redação do estatuto da instituição, usando como modelo o Estatuto da

Federação Espírita Brasileira (FEB). O sergipano também foi eleito para ser o primeiro presidente da Comunhão, mandato exercido por um ano e meio.

Depois de oito reuniões na 712 Sul, o grupo transferiu os encontros para o primeiro andar da loja de um novo membro, Mário Carvalho, dono da Casa do Barata, na 506 Sul. Ali, a Comunhão deu início à venda de livros espíritas, socorro domiciliar após as sessões e caravanas às cidades-satélites para ajudar às famílias mais carentes.

Em 1962, o crescimento da doutrina espírita em Brasília foi tão grande que a Comunhão passou a contar com uma coluna permanente no jornal *Correio Braziliense*, na qual Dálio escrevia, e um programa de cinco minutos semanais na TV Brasília dos Diários Associados.

Com o crescimento do grupo a cada ano, a Comunhão Espírita conseguiu pleitear um terreno junto à Novacap, localizado na L2 Sul, onde foi construída a sede em que até hoje a comunidade espírita kardecista de Brasília desenvolve seus trabalhos.

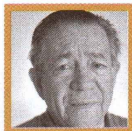
QUANDO RECEBEU O APARTAMENTO DO BANCO DO BRASIL, NA 114 SUL, DÁLIO TROUXE A FAMÍLIA E NUNCA MAIS SAIU DA CIDADE

Raio X

Nome: Dálio Ribeiro de Mendonça
Origem: Aracaju, Sergipe
Idade: 75 anos
Profissão: Funcionário público aposentado
Ano de chegada a Brasília: 1960
Esposa: Maria Nely Lima Mendonça
Filhos: Nelda, Luiz Hamilton, Elizabeth, Rosa Maria, Célia, Scheila, Dálio Filho
Netos: Leila, Gustavo, Gabriel, Laura, Luiz Henrique, Mariana, Luiz Gustavo, Pedro Henrique, Lucas, Henrique, Guilherme, Luciana, Luiz César, Luiza, Rafael, Fernanda, Igor, Dálio Neto, Adrise
Bisneto: Luiz Felipe



PIONEIROS



Iwar Fonseca Mattos

Brasília, estabilidade na vida e no casamento

Arquivo pessoal



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando o empresário Iwar Fonseca Mattos veio para Brasília, em janeiro de 1960, tinha duas opções: terminava os seus trabalhos na capital federal e voltava a Belo Horizonte ou transferia de vez a mulher e as quatro filhas para Brasília. Depois de um ano de muito trabalho e dedicação, a resolução de ficar aqui estava tomada. Passados 44 anos, nenhuma ponta de arrependimento. “Ainda acho Brasília a melhor cidade do Brasil para se morar. Essa cidade representa muito para mim, pois ela me adotou e eu a recebi muito bem. Não teria nenhuma condição de eu morar fora daqui”, atesta, enfático, o pioneiro.

Iwar Mattos veio para Brasília, cidade onde o pai já morava desde 1959, pouco antes da inauguração da capital federal para cumprir determinações da empresa para a qual trabalhava em Belo Horizonte, a SIT — responsável por instalações elétricas e hidráulicas de obras. Em 1960, Iwar chegou aqui com prazo de validade: concluía seu trabalho nos prédios do *Correio Braziliense*, TV Brasília e do colégio Dom Bosco e, missão cumprida, voltava à sede da empresa, em Minas Gerais. Como de costume, a primeira impressão assustava. “O aeroporto era um descampado inacreditável. A gente sabia que era

aeroporto só porque via uns aviões pousados ali. Já a Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) era um faroeste louco. Só que com jipes no lugar dos cavalos”, descreve um bem-humorado Iwar. Nesse tempo, o pioneiro não tinha um teto certo para dormir e, muitas vezes, ficava no canteiro de obras mesmo.

Praga

“Brasília era sinônimo de trabalho e determinação. Não nos importávamos de ficar dias sem voltar para casa”, lembra Iwar. Em uma dessas noites em que passou na obra, Iwar viu que a vala onde eram depositados os restos de comida dos trabalhadores acabava se tornando um verdadeiro paraíso para os ratos. “Essa é até hoje a grande

praga de Brasília. Naquela época, os ratos eram enormes como eu nunca tinha visto antes”, afirma Iwar. Uma vez, para se livrar de uma ratazana, alguns trabalhadores resolveram atear fogo no bicho, que saiu correndo e quase causou acidentes. “Não sei como não pegou fogo em nenhum lugar, pois éramos uma empresa de instalações elétricas e o material era quase todo inflamável”, conta o pioneiro.

Aliás, encontrar tal material não era das tarefas mais fáceis. As peças mais comuns podiam ser compradas na Cidade Livre mesmo, mas as mais específicas, só mandando trazer de outras capitais, como Belo Horizonte ou Rio de Janeiro. “A gente tentava se programar, mas às vezes não dava. Até pa-

ra abastecer a caminhonete, tínhamos que ir à Cidade Livre”, lembra Iwar, que várias vezes ficou atolado com seu carro em plena W3 Sul.

O tempo foi passando, as três primeiras tarefas foram cumpridas, mas nada de Iwar deixar a cidade. A empresa acabou se firmando na cidade, conseguindo outras obras para instalar os circuitos, e o pioneiro acabou escolhendo ficar por aqui. Dessa forma, em 1961, ele foi a Belo Horizonte e trouxe a esposa com quem acaba de completar boas de ouro, Nina, e as quatro filhas mais velhas. “Brasília acabou me conquistando. Não sei bem o que foi. Às vezes, penso que foi o céu ou o clima de trabalho e esperança que havia na cidade. Além disso, era um local

IWAR, COM AMIGOS, EM FRENTE AO PALÁCIO DA ALYORADA, RECENTEMENTE CONSTRUÍDO

ótimo para se criar os filhos”, afirma Iwar, ainda como ar de apaixonado pela cidade estampado no rosto.

Moradia

Com a família aqui, não dava mais para ficar dormindo nas obras, e Iwar acabou conseguindo uma casa da Fundação da Casa Popular, localizada onde hoje está a 711 Sul. “A vinda para Brasília representou a estabilidade da minha vida e do meu casamento, porque em Minas eu tinha uma empresa de transportes e ficava muito tempo na estrada. Por isso, minha esposa apoiou minha decisão e a mudança de cidade com quatro crianças pequenas em todos os momentos”, conta Iwar, que teve seus dois últimos filhos nascidos em Brasília. Aliás, o caçula, Iwar Junior — o único homem entre cinco mulheres —, foi o primeiro bebê a nascer no hospital que havia na W3 Sul. “Minha esposa foi a primeira paciente daquele hospital. Era uma correria danada e os quartos ainda nem tinham campanha para chamarmos a enfermeira se fosse preciso”, lembra, aos risos.

Dez anos depois de a família instalada aqui — no início da década de 70 —, Iwar mudou-se para uma casa no Lago Sul, localizada logo atrás do Gilberto Salomão. “O bairro estava apenas começando. Na minha rua só tinha a minha casa, mas

PIONEIROS

O pioneiro chegou a Brasília para completar um trabalho e voltar para Belo Horizonte. Concluiu tudo que tinha para fazer, mas decidiu que era na nova capital que queria morar

Arquivo pessoal



IWAR E NINA COM A FAMÍLIA NA FESTA DE BODAS DE OURO

não tínhamos problema com violência naquela época”, afirma o empresário.

O problema mesmo era com os bichos, principalmente formigas e ratos, dos quais Nina morria de medo. Isso sem falar na distância entre o Lago e o Plano Piloto. “A profissão de minha esposa era ser motorista dos meninos de tanto que ela os levava de um lado para o outro”, lembra. Mas o sossego do bairro valia a pena e falava mais alto. A não ser, é claro, que fosse dia de boate ou festa no Gilberto Salomão. “O som ia praticamente

dentro das casas. Não sei o que acontecia. Só sei que fizemos um abaixo-assinado e protestamos até conseguir que o som fosse desligado às dez da noite ou que o estabelecimento isolasse melhor o som que saía das casas noturnas”, diz Iwar. O pioneiro ressalta que naquela época o Gilberto Salomão era mais voltado para diversões e não tinha a quantidade de lojas e bancos de hoje. “Meus filhos, quando jovens, não saíam de lá. Era um ponto de encontro da juventude brasiliense”, lembra.

Entre tantos acontecimentos presenciados por Iwar nesses 44 anos de Brasília, aquele dia 21 de abril de 1960 não sai da memória do pioneiro. “Foi uma festa linda. Veio gente de todos os estados brasileiros para po-

der ver a nova capital brasileira”, recorda. Empregados da empresa em que ele trabalhava vieram conhecer a cidade e participar da festa. Para acomodar tanta gente nos alojamentos dos canteiros de obra, quem deu as ordens foi a improvisação. “Desde as camas até as cobertas para nos protegermos do frio da noite brasiliense, tudo era na base da criatividade mesmo”, lembra. Foi, inclusive, improvisando um transporte coletivo que o pioneiro teve uma participação importante nos festejos da inauguração. “Um coral vindo de Belo Horizonte tinha se esquecido de providenciar transporte para levar o grupo à Praça dos Três Poderes. Não sei como conseguimos botar tanta gente dentro de uma caminhonete só,

mas o fato é que dei carona para todos eles”, orgulha-se Iwar, lembrando que somente na cabine iam quatro cantores.

Além disso, ele destaca a amizade das pessoas que vieram para cá na mesma época como uma característica tipicamente candanga. “Era fácil fazer amizade em Brasília. Mas o impressionante mesmo era a facilidade de mantê-las e estreitá-las por aqui. Não era só aquela coisa de bom-dia, boa-noite. As pessoas eram amigas. Íamos ao cinema e conhecíamos todo mundo. Hoje você vai para uma festa com mil pessoas e não conhece ninguém”, compara Iwar, que faz questão de manter viva essa chama e sempre que pode encontra companheiros daquela época.

“O AEROPORTO ERA UM DESCAMPADO INACREDITÁVEL. A GENTE SABIA QUE ERA AEROPORTO SÓ PORQUE VIA UNS AVIÕES POUSADOS ALI. JÁ A CIDADE LIVRE ERA UM FAROESTE LOUCO. SÓ QUE COM JIPES NO LUGAR DOS CAVALOS”

Raio X

Nome:
Iwar Fonseca Mattos
Idade:
75 anos
Origem:
Belo Horizonte, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília:
1960
Profissão:
Empresário
Estado civil:
Casado
Esposa:
Nina
Filhos:
Ana Lúcia, Elizabeth, Margaret, Regina, Márcia e Iwar Junior
Netos:
Márcio, Rafael, Júlia, Gabriela, Alessandra, Luis Felipe, Catarina, Maurício, Marina e Iwar Neto

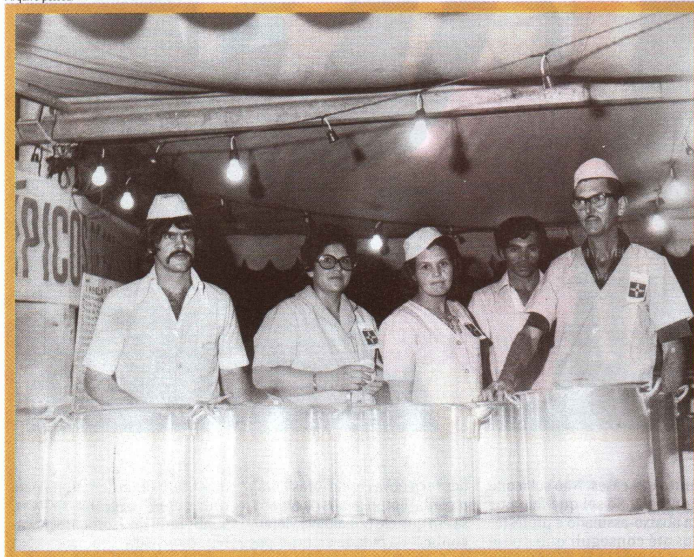


José Córdoba Solano

Para realizar o sonho
para conhecer B

Uma relação duradoura com a cidade

Arquivo pessoal



COMO FABRICANTE DE DOCE, JOSÉ E CICALICA REPRESENTARAM BRASÍLIA EM FEIRAS NO RIO DE JANEIRO

VINICIUS NADER
ESPECIAL PARA O CORREIO

O namoro de José Córdoba Solano com Brasília foi demorado. Antes de se mudar em definitivo para a nova capital federal, em fevereiro de 1960, o comerciante veio a Brasília pelo menos outras três vezes. Tais vindas foram suficientes para que a cidade que ainda estava sendo construída conquistasse de vez o coração desse pioneiro.

A primeira vez, em 1957, José veio para assistir à primeira missa rezada em Brasília. “Ainda era solteiro e vim de Goiânia com um grupo de amigos. Saí daqui encantado com a cidade. Pensava a toda hora em mudar para cá”, afirma o pioneiro, que tinha uma oficina de marcenaria na capital goiana. Mas os pais e os futuros sogros eram os principais obstáculos para a realização desse sonho. “Meu sogro não aprovava nem o meu namoro. Imagine a minha mudança com a filha dele para uma cidade que ainda não existia. E na minha família, eu ajudava no sustento e na administração da casa dos meus pais, já que eu era o único filho solteiro que ainda morava com eles”, explica o pioneiro.

Um ano depois, já casado com Cidalica Martins Córdoba, José voltou a Brasília. Dessa vez a

passagem para que a esposa também pudesse conhecer a futura capital do país. A estratégia de José deu certo, a esposa também voltou para Goiânia encantada com a cidade. “Agora o sonho de vir para cá era dela também, não era mais só meu”, comemora. Assim, ficou mais fácil e na última visita a Brasília, no fim de 1959, o casal começou a olhar terreno para montar uma padaria e para morar na nova capital.

A mudança

Dessa forma, em fevereiro de 1960, o casal e mais dois filhos

pequenos, incluindo aí um bebê de três meses de idade, desembarcaram de vez em Brasília, mais especificamente em Taguatinga. Já na chegada o primeiro problema: José havia contratado um pedreiro para construir seu barraco de madeira, mas o profissional havia fugido com o dinheiro de José sem terminar a obra. “O resultado é que passei minha primeira noite em Brasília construindo minha própria casa”, conta José, divertindo-se com a situação e ressaltando que fora ajudado pela esposa e pelo cunhado, que mora

na Cidade Livre.

Para piorar o que já estava ruim, era noite de chuva, uma daquelas características dos fevereiro brasileiros. “Era água lá fora por causa da chuva e aqui dentro pelas minhas lágrimas”, lembra Cidalica. A chuva parou aquela noite, mas as lágrimas continuavam a brotar a cada dificuldade — e não foram poucas — e a cada vez que a saudade apertava. “Essa era a primeira vez que eu morava longe dos meus pais. Senti muito, mas nunca cheguei a pensar em voltar para Goiânia”, afirma ela. A

diferença gritante entre as culturas das pessoas que moravam em Brasília deixava Cidalica ainda mais assustada. “As pessoas eram muito diferentes e quase ninguém queria ceder. Era muito difícil, mas a esperança e a vontade de crescer eram muito grandes”, lembra.

No dia 24 de abril de 1960, três dias depois de Brasília ser inaugurada, era a vez de José Córdoba dar uma de JK e inaugurar a Panificadora São Judas Tadeu, em Taguatinga, com uma festa que contou até com a presença de João Goulart. “A nossa padaria foi a primeira de alvenaria em Taguatinga. No início, eu e minha esposa fazíamos os pães e rosas. Depois, fomos contratando mais gente para nos ajudar”, conta José. Como pouca gente morava em Taguatinga naquela época, a freguesia de José era formada pelas construtoras e por restaurantes da Cidade Livre e do Plano Piloto.

Em época de movimento bom, a padaria chegava a usar 50 sacos de farinha por dia. Um dos clientes mais fiéis era Juscelino Kubitschek, que encomendava e indicava pães e salgadinhos para festas e batizados das quais participava. “Ele, como bom mineiro, gostava também de vir até a loja para comer, principalmente, o nosso pão de queijo com café”, orgulha-se o pioneiro.

onho de vir para a capital, o pioneiro precisou trazer a esposa Brasília, a fim de que ela também se apaixonasse pela idéia

Arquivo pessoal



JOSÉ COM A FAMÍLIA, UMA VIDA VOLTADA AO DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO EM TAGUATINGA

O amor por Taguatinga

Embora José Córdoba tenha acompanhado de perto a inauguração e o crescimento de Brasília, ele é o que poderíamos chamar de pioneiro de Taguatinga, pois é nessa cidade que ele e a família moram há 44 anos. “Quando cheguei a Taguatinga era tudo deserto, o chão era de terra batida por tratores pelo menos duas vezes por dia para a poeira não subir demais. Não havia nem luz nem água”, lembra. Além disso, também não havia muitos prédios na cidade: a prefeitura era um barraco, havia também o mercado São José e a escola industrial ainda não estava totalmente pronta, mas já tinha suas obras adiantadas. “Meu filho mais velho tinha que buscar leite para o bebê a pé lá na Cidade Livre, porque não tinha transporte para lá”, lembra Cidalica.

Até mesmo a Avenida Comercial, um dos pontos de referência mais marcantes de Taguatinga, ainda não estava lá quando José Córdoba chegou. “Criamos

a Avenida Comercial para podermos dar um endereço para nossos fornecedores quando eles viessem nos entregar materiais”, conta José, acrescentando que a prefeitura não gostou muito da idéia de ter comércio naquela região. “No começo, o prefeito implicava com aquelas marquises e estabelecimentos comerciais, mas depois ele viu que era necessário para o crescimento e desenvolvimento da cidade”, afirma o pioneiro. Sempre com o olhar voltado para o comércio, José Córdoba também criou o Mercado Norte, um enorme galpão onde funcionava uma espécie de feira para se vender de tudo um pouco. “Construímos o mercado com recursos próprios dos comerciantes, pois a prefeitura era contra e não nos ajudou em nada”, comenta.

Em 1965, a panificadora de José foi vendida, mas o casal não abandonou a atividade comercial. O foco agora estava voltado para o doce caseiro. O su-

“**QUANDO CHEGUEI A TAGUATINGA ERA TUDO DESERTO, O CHÃO ERA DE TERRA BATIDA POR TRATORES PELO MENOS DUAS VEZES POR DIA PARA A POEIRA NÃO SUBIR DEMAIS. NÃO HAVIA NEM LUZ NEM ÁGUA**”

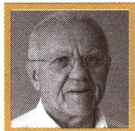
cesso foi tanto que José e Cidalica foram representar Brasília três vezes em feiras do Rio de Janeiro. “Levávamos sabores tradicionais, como o de leite, por exemplo. Mas nossos carros chefes eram os doces de fruta, como o mamão verde ou o figo em calda”, afirma José, que abriu três lojas de doce, na Cobal, na 111 Sul e no Conjunto Nacional.

Onze anos de sucesso depois, o governo militar estava em seu auge e resolveu que o leite para fazer doce caseiro deveria ser pasteurizado, o que encareceu demais os custos e fez com que José Córdoba procurasse outro ramo. Foi aí que ele abriu uma representação da Zanata, em Brasília, onde trabalhou até se aposentar. Cidalica foi trabalhar na Livraria Ave Maria, de artigos religiosos. Foi aí também que entrou em cena o trabalho voluntário que José e Cidalica mantêm até hoje, estando à frente do banco de leite de Taguatinga há 25 anos e do Rotary há 26.

Raio X

Nome: José Córdoba Solano
Idade: 75 anos
Origem: Goiânia, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Comerciante
Estado civil: Casado
Esposa: Cidalica Martins
Filhos: Maria Aparecida, José Carlos, Celso Antônio, Luis Cezar e Antonio Vanildo
Netos: Gaub Luci, Talita, Larissa, Luciana, Clarice, Juliana, Ana Clara, Gabriel, Luisa, Vitor, José Antonio, Jorge, Luiz, Paulo Edson, Elisângela e Jonattans.
Bisnetos: Milena, Thiago, William, Natalia, Lucas e Samuel

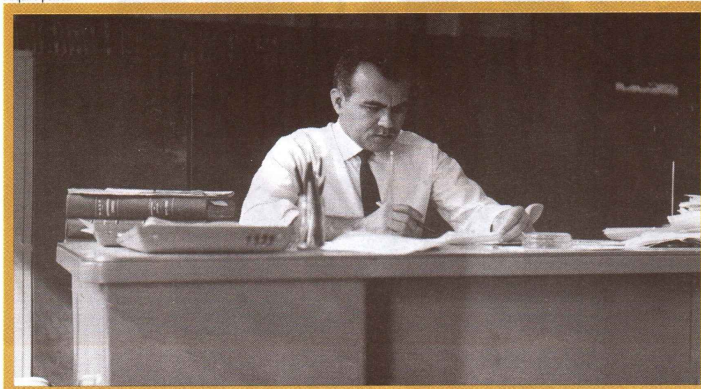
PIONEIROS



José Maciel Filho

Um pioneiro de mil e uma utilidades na nova capital

Arquivo pessoal



ENTRE AS FUNÇÕES QUE EXERCEU NA CIDADE, MACIEL TRABALHOU NA INSTALAÇÃO DO SERVIÇO DE CENSURA DO DPF

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

A bordo de um ônibus clandestino, como muitos que partiam lotados de imigrantes para o futuro Distrito Federal, o paraibano José Maciel Filho de repente se deu conta de que se aproximava de Brasília. Iluminada e repleta de obras a todo vapor, o horário apontado pelo relógio parecia irreal: três horas da manhã.

O ônibus desembarcou na Cidade Livre. As opções de hospedagem eram simples e escassas. Maciel hospedou-se na pensão Veneza, dividindo um quarto repleto de beliches com outros oito forasteiros. A primeira noite no Planalto Central foi curta. Em novembro de 1959, o ritmo dos candangos ficava cada vez mais alucinante por conta das obras que tinham que estar prontas para a inauguração da nova capital, em abril de 1960.

As sete horas da manhã, o barulho das pessoas circulando na cidade acordou o paraibano. “Era impressionante a imensidão de gente que andava nas ruas da cidade”, conta. Recém-chegado do Rio de Janeiro, Maciel compara o movimento que encontrou na Cidade Livre com o da Rua do Ouvidor, no centro da capital carioca.

Fazia sol e a poeira incomodava muito. O meio de transporte disponível para o Plano

Piloto eram os caminhões que saíam da cidade carregados de trabalhadores. “Tudo era muito longe naquela época”, afirma Maciel. Na avenida W3 Sul, Maciel pediu para saltar na quadra 507, onde ficavam os órgãos oficiais de Brasília e as obras da Escola Parque 108 Sul.

Antes de deixar o Rio de Janeiro, Maciel já tinha emprego certo nas construções do Distrito Federal. Por indicação de uma amiga, que trabalhava como tesoureira do Instituto de Aposentadoria e Pensões do Bancários (IAPB), seria supervisor das ligações elétricas das casas da quadra 713 Sul. A moradia seria o alojamento no acampamento das obras.

Quando questionado sobre o motivo que o fez abandonar a Cidade Maravilhosa, Maciel tem a resposta pronta: “Vim no embo do discursos de Juscelino Kubitschek.”

Acidentes de trabalho

Terminadas as obras da 713 Sul, Maciel foi transferido para outra construção do IAPC, na quadra 306 Sul. O trabalho durou um ano e foi diferente do serviço realizado nas casas da W3. À medida que os prédios eram levantados, as instalações elétricas eram feitas.

Depois da construção da quadra, Maciel foi novamente transferido para o Banco da Borracha, como era chamada a sede do Banco do Amazonas, que ficava no mesmo lugar onde hoje está a sede do Banco de Brasília, no Setor Bancário Sul. O paraibano ficou contratado até 1962, ano de conclusão do trabalho.

O próximo trabalho em construção seria nas torres do Congresso Nacional, o “vinte e oito”, como era chamado pelos candangos, devido ao número de andares dos prédios. Mas Maciel não aceitou e encerrou ali a carreira

como técnico electricista nas obras da nova capital. “Havia muitos acidentes de trabalho, cerca de cinco ou seis pessoas morriam todos os dias”, revela. “A mão-de-obra contratada não era treinada e às vezes colocada para realizar serviços perigosos”, diz.

Aeroporto

O trabalho nas obras, entretanto, não era o único ofício exercido por Maciel na nova capital. Ex-funcionário do grupo Severiano Ribeiro, antes de vir para Brasília, Maciel trabalhava no estúdio de gravações e dublagem dos filmes exibidos pela empresa, no Rio de Janeiro.

A paixão pelo ramo de cinema e fotografia fez com que se oferecesse para trabalhar no laboratório fotográfico do jornal *DC Brasília*, que ficava na W3 Sul, em cima da primeira loja de discos da capital federal — o Bazar Paulistinha —, na quadra 507. Maciel

passou a ser o encarregado da revelação dos filmes do jornal.

Na 507 Sul se concentrava o principal movimento da avenida W3. Perto dali, estavam instalados o Cine Cultura, o restaurante do Grupo de Trabalho de Brasília (GTB) e a Empresa Imobiliária de Brasília. Enquanto trabalhava no laboratório, o dono permitiu que Maciel morasse no lugar de trabalho.

Depois de seis meses no diário, Maciel decidiu ceder sua vaga a um italiano que procurava o laboratório. “Ele só sabia fazer revelação de filmes e eu sabia trabalhar com muita coisa”, conta. “Como não faltava emprego aqui, resolvi sair e deixá-lo em meu lugar”, completa.

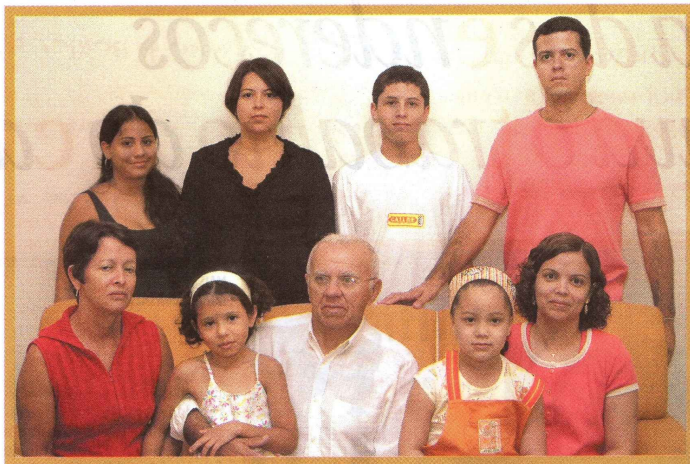
Funcionário exemplar, Maciel novamente deixou o serviço já com outro acertado. O sócio-proprietário do laboratório tinha influência na Real Aerovias e indicou o funcionário para uma vaga na empresa. Na conversa com o gerente geral da companhia, o paraibano foi orientado a se apresentar no aeroporto de Brasília. No dia seguinte, Maciel já estava contratado e trabalhando no balcão de emissão de passagens da Real.

O aeroporto era bastante movimentado na época e funcionava 24 horas por dia, já com vôos internacionais. Maciel lembra de algumas companhias que ficavam instaladas ao lado da Real: Varig, Pararens, Rio Grande do Sul e Pan Air do Brasil.

PIONEIROS

O pioneiro veio para Brasília “no embalo dos discursos de JK” e com emprego garantido como supervisor das instalações elétricas das obras do IAPB

FOI EM BRASÍLIA QUE JOSÉ CONHECEU MARIA DE FÁTIMA E FORMOU A FAMÍLIA, ATÉ HOJE UNIDA NA CAPITAL



Não havia salas de espera e o conforto que existe hoje para o embarque e desembarque de passageiros. O aeroporto ficava onde hoje está a Base Militar de Brasília e consistia em um galpão de madeira, com um portão que se abria para a entrada e saída de passageiros do pátio onde os aviões estacionavam.

A Real oferecia alojamento para seus empregados e Maciel terminou mudando-se novamente para o local de trabalho, na região próxima ao aeroporto. A empresa oferecia, além do salário, todas as refeições dos funcionários e roupa lavada.

Cinema

Ao mesmo tempo em que foi contratado pela Real, Maciel recebeu convite do grupo Severiano Ribeiro para que trabalhasse na assistência técnica do Cine Brasília.

A falta de mão-de-obra especializada em Brasília fazia com que os convites de trabalho não parassem e o paraibano terminou recebendo uma terceira proposta. Egberto Assunção, delegado do Departamento Federal de Segurança Pública, precisava de um técnico para instalar o Departamento de Censura do órgão. Maciel aceitou e passou a se dividir entre os três empregos. “Como era eletricitista, não precisava ficar na censura o tempo todo, tinha que fazer os serviços necessários”, explica. “Mas para estar disponível sempre para os três lugares, comprei uma lambreta”, conclui.

O trabalho no Cine Brasília era gratificante. Em 1961, os festivais de Brasília do Cinema Brasileiro traziam a nata da dramaturgia nacional para a nova capital. O evento era freqüentado por autoridades, artistas e estrangeiros. Todos os artistas dos filmes ex-

bidos sempre estavam presentes à apresentação das películas. Cada filme oferecia seu próprio coquetel e o traje era de gala.

Na censura, Maciel trabalhava no bloco oito da Esplanada dos Ministérios. A montagem dos equipamentos importados foi feita pelo paraibano, que também era responsável por sua manutenção.

Em 1963, quando a Varig comprou a Real, Maciel terminou optando por deixar a empresa por não concordar com o sistema de trabalho da nova direção. Por causa disso, precisou retirar-se do alojamento da empresa, mudando-se para um apartamento alugado na W3 Sul, na altura da quadra 504.

Militares

Até a entrada dos militares no governo federal, o cotidiano de Maciel era tranquilo nos dois trabalhos. A partir de 1964, as coisas mudaram um pouco. Foi criado o Departamento de Polícia Federal e a censura passou a fazer parte do novo órgão.

Maciel continuou à frente da manutenção técnica da censura até 1968, ano em que foi requisitado pelo Dasp para chefiar o serviço de comunicação do ór-

gão. O trabalho consistia em receber documentos oficiais e destiná-los aos órgãos determinados.

Em 1972, Maciel retornou à Polícia Federal, mas o ambiente de trabalho tinha se transformado. Alunos militares tinham o costume de humilhar os funcionários e o novo esquema não agradava ao paraibano. Várias vezes, a chefia do departamento tentou demitilo, o que terminou acontecendo com o uso do AI-5. Maciel foi casado e afastado do órgão e empedido de concluir os estudos de Direito, que fazia no Ceub.

Na época, o paraibano já era casado, desde 1966, com a goiana Maria de Fátima Maciel. Os dois se conheceram na W3 Sul, quando ela trabalhava na loja de discos Bazar Paulistinha. O casamento foi realizado após 120 dias de namoro.

A primeira moradia do casal ficava em Taguatinga. No Dasp, entretanto, Maciel conseguira ter direito a uma casa no Cruzeiro Velho. A residência quase foi tomada quando Maciel foi afastado da Polícia Federal, em 1972. Por iniciativa do paraibano, entretanto, Maria de Fátima foi contratada pelo Serpro. Como funcionária pública, teria direito à moradia do governo, mas precisava de

autorização do Dasp para continuar na casa do Cruzeiro.

Maciel conseguiu a autorização com um amigo que conheceu nos primeiros anos em Brasília e acabava de assumir a direção do Dasp. “Ele me disse que daria um jeito no meu caso porque a casa não resolvia os problemas do Dasp mas resolvia o da minha família”, recorda.

No mesmo ano, Maciel passou a integrar o primeiro laboratório de fotossérie de Brasília — o Sakai —, que ficava na 510 Sul. Lá, conservava equipamentos de som, máquinas fotográficas, qualquer coisa ligada a cinema. Na nova rotina, Maciel passava a se dividir então entre as atividades no Cine Brasília, onde ficou até 1978, e no Sakai.

Em 1980, o paraibano foi anistiado, sendo novamente admitido pela Polícia Federal. Desta época, recorda de um fato engraçado sobre o presidente João Figueiredo. “Ele tinha uma sala de cinema na Granja do Torto, onde passavam filmes para a elite brasiliense”, revela. “Nestas ocasiões, onde todos se apresentavam bem trajados, Figueiredo permanecia de pijama e dizia que a seda de sua vestimenta valia mais que qualquer traje naquela sala”, completa.

“**HAVIA MUITOS ACIDENTES DE TRABALHO, CERCA DE CINCO OU SEIS PESSOAS MORRIAM TODOS OS DIAS. A MÃO-DE-OBRA CONTRATADA NÃO ERA TREINADA E ÀS VEZES COLOCADA PARA REALIZAR SERVIÇOS PERIGOSOS**”

Raio X

Nome: José Maciel Filho
Idade: 72 anos
Origem: Pilar, Paraíba
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Funcionário público aposentado
Esposa: Maria de Fátima Maciel
Filhos: Waldinéia, Andrea, Ana Paula e Alessandro
Netos: Caroline, Ítalo, Ingrid e Ana Clara

PIONEIROS



Manuel Pereira Lima

Alógica dos endereços facilitava o trabalho do carteiro

Arquivo pessoal



MANUEL, A ESPOSA, FRANCISCA, E O FILHO MAIS VELHO NA RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

A seca de 1959, uma das piores enfrentadas pelo Ceará até hoje, e as várias oportunidades de empregos que poderia oferecer a construção de uma nova capital federal foram os principais fatores que motivaram Manuel Pereira Lima a se aventurar pelas bandas do Planalto Central em setembro daquele ano. Ao partir da cidade de Ipueiras, interior do estado, Manuel deixou para trás a esposa, Francisca, e sete de seus dez filhos. A família veio para Brasília apenas em 1961, quando a vida de Manuel e a cidade já estavam pelo menos um pouco mais estruturadas.

Mesmo antes de conhecer Brasília, Manuel sonhava com o dia em que conseguiria se mudar para a capital federal. "Admirava a cidade antes mesmo de vir aqui por causa da idéia de obstinação e esperança que me passava a imagem do presidente Juscelino Kubitschek falando sobre a construção da capital." Foi dessa forma, movido pela esperança de conseguir um emprego bom e estável na nova capital federal, que Manuel viajou durante 18 dias na boléia de um caminhão pau-de-arara até Brasília.

Logo na primeira visão, a imagem de obras e mais obras. O primeiro prédio pronto a ser

visto foi o da Igrejinha da 307/308 Sul, um dos pontos turísticos mais visitados da cidade até hoje. "Quando vi a igreja pensei logo na realização do sonho de Dom Bosco e me emocionei", lembra Manuel, que nunca tinha vindo ao Centro-Oeste do país e estava achando tudo aquilo "uma

grande novidade". Outra lembrança que não sai da cabeça de Manuel é a da quantidade de caminhões — "sempre lotados" — que chegavam trazendo gente para trabalhar na construção da cidade.

Quando chegou à cidade, Manuel pôde perceber que não estava errado quanto à demanda

de trabalho. "Havia muitas oportunidades em Brasília. O principal para mim era conseguir um emprego com estabilidade de funcionário público. Como imaginei antes de chegar aqui, notei logo que estava no lugar certo", afirma Manuel.

Trabalho

O primeiro emprego desse pioneiro na capital foi também o último, pois foram muitos anos de dedicação à Empresa de Correios e Telégrafos (ECT), onde Manuel trabalhou até se aposentar. "Trabalhei mais de uma semana sozinho na agência que atendia a Asa Sul. Tinha que fazer tudo: desde a triagem das cartas até as entregas e possíveis devoluções", lembra Manuel, que depois foi oficializado como carteiro responsável pelo Plano Piloto. "Naquela época, os carteiros não tinham bicicleta para andar pela cidade. Carregávamos a sacola com as cartas nas costas mesmo e andávamos a pé", lembra o pioneiro, enfatizando que chegava a trabalhar 12 horas diárias para dar conta de tanto trabalho.

Se até hoje as siglas dos endereços de Brasília confundem quem vem de fora, naquela época a confusão se estendia até mesmo a quem era morador da cidade. Mas nada que impedisse o trabalho de Manuel. "Eu achava muito mais fácil entender os endereços de Brasília do que os

das outras cidades, porque a capital foi criada de uma maneira inteligente. Havia lógica nos endereços. O problema era quando as pessoas mandavam as correspondências com os endereços incompletos", conta. A solução para esse problema estava na cordialidade das pessoas em Brasília. Quando Manuel não conhecia o destinatário, sempre tinha alguém que conhecia.

Tanto empenho rendeu ao pioneiro uma carta escrita de próprio punho pelo presidente Juscelino Kubitschek agradecendo pelos trabalhos prestados. A relíquia hoje está emoldurada e é exibida com muito orgulho a todos os que chegam na casa de Manuel.

Segundo ele, eram essas atitudes de Juscelino, em reconhecimento ao esforço e à dedicação dos trabalhadores, que davam mais ânimo aos pioneiros. Principalmente quando o presidente incluía os trabalhadores nas comemorações referentes a Brasília. Na inauguração da cidade, não poderia ser diferente. "Foi uma festa linda que também era dos trabalhadores. A gente ficava admirado de ver que as palavras e os olhares do presidente e de Dona Sarah eram muitas vezes voltados ao povo que lotou a Praça dos Três Poderes para assistir à cerimônia", afirma o pioneiro.

Outra curiosidade que chamou a atenção de Manuel foi o fato de autoridades nacionais e

PIONEIROS

O entusiasmo de JK, quando falava sobre a nova capital, fez com que o pioneiro desejasse mudar para Brasília. Primeiro veio ele, depois a família, para nunca mais sair



SÓ DEPOIS DE ALGUM TEMPO NA CIDADE, MANUEL CONSEGUIU TRAZER A FAMÍLIA PARA MORAR NA NOVA CAPITAL

“**TRABALHEI MAIS DE UMA SEMANA SOZINHO NA AGÊNCIA QUE ATENDIA A ASA SUL. TINHA QUE FAZER TUDO: DESDE A TRIAGEM DAS CARTAS ATÉ AS ENTREGAS E POSSÍVEIS DEVOLUÇÕES**”

internacionais terem vindo para a inauguração. “Fico imaginando todos aqueles presidentes e diplomatas desembarcando no aeroporto de Brasília, que era apenas um enorme galpão de madeira, sem muita infra-estrutura e nenhum luxo”, diverte-se.

Com a cidade inaugurada e a Asa Norte começando a crescer, o trabalho de Manuel também foi aumentando cada vez mais. Junto com o trabalho, vinha a falta que a mulher e os filhos faziam nas horas de lazer. Assim, em abril de 1961, a esposa, Francisca, veio de mudança para Brasília. “Vim sabendo pouca coisa da cidade. As pessoas me contavam apenas que fazia muito frio aqui”, lembra Francisca.

A transferência da família de Manuel para cá vinha sendo retardada por causa de uma pendência domiciliar: o pioneiro morava no alojamento para solteiros da ECT e não poderia receber a família lá. A empresa prometia o apartamento para ele, mas os pioneiros que já esta-

vam com a família aqui tinham preferência na ordem de distribuição dos apartamentos funcionais. Por isso, Manuel decidiu que Francisca viria com os sete filhos mesmo antes de conseguir o tal apartamento. “Quando eles chegaram ao aeroporto, o motorista da kombi ficou admirado com o tanto de crianças”, lembra Manuel, aos risos.

Provisoriamente, a família foi morar em um barraco de madeira em Taguatinga. “Era apenas um quarto e sala para aquele tanto de gente. Achei que as crianças iam reclamar do tamanho e da estrutura, pois tínhamos uma casa boa no Ceará. Mas isso não aconteceu. A saudade do pai era tanta que eles nem se importaram com isso. Para eles era tudo uma festa”, afirma Francisca, que teve mais três filhos, nascidos aqui em Brasília.

A terra era tanta que não adiantava Francisca pendurar as roupas no varal para que elas secassem, porque elas realmen-

te secavam, mas estavam todas sujas outra vez. A única coisa com a qual a família não se acostumava de jeito nenhum era com as fortes chuvas que caíam na capital, com direito a raios e trovoadas. “Em uma dessas chuvas, Manuel estava trabalhando e as crianças ficaram tão assustadas que acabamos todos encolhidos embaixo da mesa de jantar”, diverte-se Francisca, que, não esconde, também temia as tempestades. Depois de um ano, o apartamento funcional de Manuel finalmente saiu e eles voltaram para o Plano Piloto para morar em um JK, ainda pequeno para a família. O conforto só aumentou de verdade quando Manuel mudou-se, em 1967, para a 312 Norte, quadra onde mora até hoje. “A Asa Norte estava apenas começando. Era muito mato. Até para comprar frutas e verduras, tínhamos que ir para a Asa Sul”, lembra Manuel, classificando a Brasília de hoje como “a melhor qualidade de vida do Brasil”.

Raio X

Nome: Manuel Pereira Lima
Idade: 81 anos
Origem: Ipeúras, Ceará
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Funcionário público aposentado
Estado Civil: Casado
Esposa: Francisca Lima
Filhos: João Batista (falecido), José Romildo, José Valner, Lígia Maria, Maria da Conceição, Antônio Hélder, João José, Maria Edith, Francisco de Assis e José Newton.
Netos: Juliana, Leonardo, Rodrigo, Isabel, Luciana, Lílian, João Junior, Ada, Laís, Marina, Eduardo, Francisco, João Felipe, Daniel, Luzia, Miguel, Lucas, Leandro, Rafael, Gustavo e Heitor.

CRÉDITO PARA A JOANA TER O PATRÃO DOS SEUS SONHOS: ELA MESMA.

Joana faz picolé caseiro e vende na vizinhança. Sua idéia inicial era complementar o pequeno salário que tirava como cozinheira. Mas o negócio deu tão certo que já virou sua principal fonte de renda. Agora, Joana quer comprar um freezer maior e novas forminhas para aumentar a produção. Ela procurou o **Microcrédito Assistido** do GDF, um programa de financiamento voltado para o microempreendedor, que ainda oferece assessoria gerencial e assistência técnica ao beneficiado. Joana tem tudo para conseguir seu crédito: mora no DF há mais de 3 anos, faz seus picolés há mais de 6 meses e não tem nenhuma restrição no Serasa e SPC. Seu cadastro já está na Secretaria de Trabalho e logo deve ser aprovado. Joana mal pode esperar. Seus clientes também.

MICROCRÉDITO ASSISTIDO

FINANCIAMENTO E GERAÇÃO DE RENDA PARA O MICROEMPREENDEDOR.

